

PROJETO LAÇOS & ACASOS: UM BREVE HISTÓRICO

Lorena Lima de MORAES*

Resumo: O Projeto "Laços & Acasos: Mulheres, Desejos e Saúde" desenvolvido pelo Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual é um projeto voltado para as demandas das lésbicas e mulheres bissexuais. Neste texto, são apresentadas as atividades realizadas pelo projeto com a proposta de trabalhar qualidade de vida, auto estima, sexualidade, violência, etc., através das atividades de socialização. As temáticas da saúde sexual e o combate pela erradicação da lesbofobia na escola, também são pautas de trabalho constantes do projeto.

Palavras-chaves: Laços & Acasos, lésbicas, mulheres bissexuais, saúde sexual

Resumé: "Laços & Acasos: Mulheres, Desejos e Saúde" est un projet développé par le *Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual* pour un public de femmes lesbiennes et bissexuelles. Nous présentons ici les activités de ce projet qui a comme but d'améliorer leur qualité de vie, la sexualité et discuter la violence, par l'intermédiaire d'activités de socialisation. La santé sexuelle et le combat pour la fin de la lesbophobie à l'école, sont aussi des essors de ce projet.

Mots-clés: Laços & Acasos, lesbiennes, femmes bissexuelle, santé sexuelle

A Journée d'Études APEB-NIGS foi um excelente espaço, que proporcionou visibilidade internacional aos diversos grupos de lésbicas brasileiras. Apresentações e mensagens dos diversos grupos, enviadas por vídeos - expostos na jornada – integraram o bloco destinado aos movimentos sociais de lésbicas. Minha colaboração se deu ao apresentar o Projeto "Laços & Acasos: Mulheres, Desejos e Saúde"¹, desenvolvido pelo Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual.

O Grupo Arco-Íris foi fundado em 1993 e possui sede no município do Rio de Janeiro. A missão do Grupo é atuar para promover a melhoria na qualidade de vida de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), além de promover os direitos humanos deste público. Dentre os projetos desenvolvidos pelo Grupo Arco-Íris está o Laços & Acasos - que tem apoio do Ministério das Relações Exteriores da Holanda através da Fundação Schorer.

*Lorena Moraes é mestre em Ciências Sociais, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista CAPES. Esteve como assessora de coordenação do Projeto Laços & Acasos: Mulheres, Desejo e Saúde de 2010 a 2011 e atualmente, é voluntária do Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual. Email: lorenalmoraes@hotmail.com

¹ O projeto foi desenvolvido sob a coordenação de Marcelle Esteves (Assistente Social) e Lorena Lima de Moraes (Cientista Social), sendo iniciado e idealizado por outras/os profissionais

A Fundação Schorer, instituição holandesa existente há 25 anos, tem como objetivo promover a saúde e o bem-estar de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros a partir da disseminação de informação, conhecimento e acesso aos meios que garantam a saúde. Desta forma, a instituição financia estudos sobre a população LGBT, sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST) e prevenção das mesmas. Além do Laços & Acasos, a Fundação Schorer financia o Projeto “Entre Garotos: Promoção de qualidade de vida entre jovens gays e bissexuais”, também desenvolvido pelo Grupo Arco-Íris, bem como outros projetos no Brasil e em outros países, como África do Sul e Equador.

Neste texto, apresento um breve relato sobre a história do Projeto Laços & Acasos e as atividades desenvolvidas, a partir de dados, relatos e da minha experiência enquanto assistente de coordenação do projeto.

O NASCIMENTO DO PROJETO LAÇOS & ACASOS

O Laços & Acasos teve seu início em 2008, a partir de uma proposição da Fundação Schorer de financiar um projeto sobre saúde sexual de lésbicas e de mulheres bissexuais. Antes de dar início ao projeto, a equipe, reconheceu a necessidade de identificar estas mulheres, nas quais o projeto tinha interesse de se direcionar. Desta forma, realizou-se uma pesquisa intitulada “Lesbianidade, Bissexualidade e Comportamento Sexual”² que teve a preocupação de identificar e investigar diversos âmbitos da vida social e sexual dessas mulheres para então, a partir destes dados, direcionar as atividades e objetivos do projeto proposto pela fundação holandesa.

Tendo em vista que, ainda hoje, existem poucas pesquisas que tratam da saúde sexual da mulher³, sobretudo, da mulher bissexual e lésbica, a pesquisa “Lesbianidade, Bissexualidade e Comportamento Sexual”, também identificada pela Fundação Schorer como “Investigação de Necessidades”, teve como objetivo identificar os seguintes indicadores: a) *Socioeconômico* – através de uma caracterização mínima das entrevistadas, levantar o perfil básico de caracterização socioeconômica, incluindo as variáveis: escolaridade, renda domiciliar, relações familiares, cor, religião, atividade remunerada; b) *Sociabilidade* – o objetivo era fornecer um mapa das atividades de lazer, redes afetivo-sexuais e de sociabilidade das entrevistadas, incluindo questões sobre acesso e uso de salas de bate-papo na Internet e identificar para quais grupos sociais (família, amigas/os, vizinhas/os, escola/faculdade, trabalho, religião, profissionais de saúde) a entrevistada assumiu a sua orientação sexual; c) *Vivências afetivo-sexuais* –

² A pesquisa “Lesbianidade, Bissexualidade e Comportamento Sexual” foi coordenada por Márcio Caetano, atualmente professor doutor na Universidade Federal de Rio Grande.

³ O tema da saúde sexual da mulher, ainda está muito atrelado à saúde reprodutiva, fato que tende a desconsiderar as múltiplas práticas sexuais femininas, principalmente entre mulheres. Relacionar a saúde sexual à saúde reprodutiva da mulher reforça não só a predominância do coito com objetivos reprodutivos, como a falta de informações e pesquisas que se aprofundem acerca da saúde sexual de mulheres com práticas homossexuais

identificar as experiências afetivo-sexuais das entrevistadas de acordo com a idade, cor/raça e atributo de gênero das parceiras anteriores; d) *Práticas Sexuais* – identificar as práticas sexuais que projetam-se entre parceiras afetivo-sexuais ocasionais e fixas, práticas sexuais heterossexuais e consumo de drogas antes e/ou durante as relações sexuais; e) *Sexualidade, Saúde e Prevenção* – investigar sobre as práticas de atenção a saúde e prevenção conhecidas e realizadas pelo público-alvo, bem como, o conhecimento e percepção de risco de contágio por DST/HIV/AIDS em determinadas práticas; f) *Vulnerabilidade* – ampliar os conceitos de violência e vitimização, ao identificar as diversas formas de expressão de violência e seus agentes, ao mapear as diversas nuances das agressões em ambientes GLS e outros espaços de sociabilidade da população alvo, ou seja, a identificação dos ambientes e sujeitos agressores que violentam lésbicas e mulheres bissexuais.

A pesquisa foi realizada em locais de sociabilidade de lésbicas, em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro e contou com a participação de 100 entrevistadas.

Pode-se perceber, contudo, que a pesquisa mencionada acima discutiu temas que vão além da saúde sexual, abordando assim, outros aspectos vivenciados por lésbicas e mulheres bissexuais. Desta forma, o Projeto Laços & Acasos ao se consolidar, teve o objetivo de trabalhar tanto a saúde sexual – inicialmente proposta pela instituição financiadora - como viu a necessidade da discussão dos seguintes temas: cidadania, garantia de direitos, violência contra lésbicas, auto-estima, sociabilidades, acolhimento, protagonismo, qualidade de vida, raça/etnia, etc.

Após a finalização desta pesquisa, realizou-se um curso de formação, onde foram oferecidas oficinas para 40 lésbicas e mulheres bissexuais (de diferentes idades), abordando questões de direitos, saúde, práticas sexuais seguras, cidadania e negociação com a parceira para o uso e preservativos nas relações sexuais e orais.

O passo seguinte ocorreu com a seleção de algumas mulheres que viraram multiplicadoras fixas do projeto. As multiplicadoras são jovens⁴ e mulheres adultas com perfis de lideranças ou que tenham interesse de atuar como líderes multiplicadoras de informações que se referem ao público visado pelo projeto.

Vale ressaltar, que a proposta inicial sugerida pela Fundação Schorer era desenvolver um projeto que trabalhasse a questão da saúde sexual de jovens lésbicas e bissexuais. Contudo, a pesquisa – também conhecida por “Investigação de Necessidades” - aderiu à proposta de levar em consideração as necessidades identificadas para a execução do Projeto Laços & Acasos, como por exemplo: dar atenção aos outros âmbitos das vidas dessas mulheres e à diversidade de faixa etária das que se interessaram em participar da pesquisa. Sendo assim, o projeto que inicialmente seria direcionado para jovens, foi ampliado, agregando mulheres de diversas faixas etárias.

⁴ É importante frisar que ao se falar em jovem, estamos levando em consideração a faixa etária de 15 a 29 anos, de acordo com a PEC da Juventude, aprovada no Brasil em 2010.

O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E SUAS PRINCIPAIS ATIVIDADES

A consolidação do Laços& Acasos foi uma importante conquista das lésbicas e mulheres bissexuais dentro do Grupo Arco-Íris, uma vez que, mesmo em espaços direcionados aos direitos de homossexuais, nem sempre as vozes das mulheres têm espaço para expressarem as suas demandas específicas e torná-las públicas⁵. O projeto atua como pólo agregador de mulheres e jovens que se reconhecem lésbicas, bissexuais ou mulheres que fazem sexo com mulheres⁶, que sejam membros, voluntárias ou não do Grupo Arco-Íris.

Durante os últimos três anos⁷ de existência do Projeto, duas atividades se destacaram devido a sua frequência e à boa aceitação do público; são elas: Café com Bolacha e as atividades de prevenção.

CAFÉ COM BOLACHA: UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

A ideia do Café com Bolacha surgiu antes mesmo do Projeto Laços & Acasos, uma vez que reuniões de lésbicas e mulheres bissexuais já se realizavam no Grupo Arco-Íris. Após a realização da "Investigação de Necessidades" e da consolidação do Projeto Laços & Acasos, o Café com Bolacha adquiriu uma nova roupagem ao agregar mais jovens e ao abordar temas que foram ressaltados através da pesquisa.

O Café com Bolacha é um espaço de socialização voltado exclusivamente para lésbicas, mulheres bissexuais e outras mulheres que fazem sexo com mulheres, embora, já tenham participado algumas mulheres heterossexuais e alguns gays, dependendo da temática abordada.

O Café com Bolacha se caracteriza por ser o espaço informal de sociabilidade de mulheres no Grupo Arco-Íris. As reuniões ocorrem a cada quinze dias, estando sobre a responsabilidade, na maioria das vezes, das multiplicadoras do projeto. Ou seja, são as multiplicadoras que pensam quais temáticas inserir nas reuniões, o formato, a realização de dinâmicas, decoração do espaço, lanche, etc. A ideia é tornar esta reunião um espaço de protagonismo das multiplicadoras.

⁵ <http://www.arco-iris.org.br/lacoseacasos/home>

⁶ A categoria "mulheres que fazem sexo com mulheres" tem sido utilizada com o propósito de evitar problemas referentes às limitações e possíveis correlações entre práticas, comportamentos e identidades sexuais. Assim, tem-se a pretensão de abarcar um maior contingente de mulheres que possa não se encaixar em determinadas categorias, mas que mantém relações sexuais com outras mulheres. Ver Barbosa e Facchini (2009)

⁷ O Laços& Acasos continua em vigência, porém, irei me limitar às informações adquiridas e vivenciadas até 2011, pelo fato de não fazer mais parte do quadro de profissionais do projeto.

A criação deste espaço se fez necessário uma vez que lésbicas e mulheres bissexuais vivenciam situações de invisibilidade, sendo obrigadas a buscarem espaços alternativos e guetos para encontrar seus pares. São poucos os espaços públicos onde estas mulheres podem expressar seus afetos e desejo sexual sem sofrerem algum tipo de repressão ou agressão de motivação homofóbica. Assim, o Café com Bolacha também se caracteriza por ser um espaço de troca de experiências e concepções de vida.

Na maioria das vezes, as multiplicadoras decidem o tema a ser abordado, levando sempre em consideração as sugestões das outras participantes ou ressaltando temas polêmicos que estão sendo debatidos na atualidade. Com a intenção de proporcionar um debate agradável, divertido e dinâmico, as experiências de vida são sempre levadas em consideração e estimulam a troca de ideias sem prejulgamento e preconceitos. Dentre os temas abordados destacam-se sexo, práticas sexuais, erotização, saúde sexual e prevenção, militância, maternidade, lesbofobia, bissexualidade, raça/etnia, religião, direitos LGBT, relacionamentos afetivo-sexuais, drogas, mercado de trabalho, estereótipos, mídia, violência contra a mulher, feminismo, saúde mental, “saída do armário”, saúde integral, etc.

A maioria das participantes do Café com Bolacha é jovem e as reuniões agregam em torno de 20 mulheres a cada sessão. É válido ressaltar que as temáticas relacionadas a sexo e relacionamentos tendem a agregar o maior número de participantes. E as reuniões propostas para discutir saúde, política e direitos reúnem um menor número de mulheres. Percebendo o fato, para agregar um maior número de participantes, as organizadoras usaram como estratégia levantar questões voltadas para a saúde sexual e integral nos debates sobre sexo, frisando sempre a importância da prevenção no sexo entre mulheres. Além disso, são distribuídos, em todas as reuniões, materiais informativos sobre saúde sexual e preservativos.

O não interesse em debater questões de saúde sexual específicas das relações sexuais entre mulheres está pautado pelo mito de que o sexo entre mulheres está imune de qualquer risco, e ainda, a falta deste tipo de informação agregada ao tratamento que muitas mulheres relatam ao procurar o serviço de ginecologia (quando procuram) reduz o interesse por tal tema. Falarei sobre isto a seguir.

A Pesquisa “Lesbianidade, Bissexualidade e Comportamento Sexual”, também chamada de “Investigação de Necessidades”, identificou uma parcela de mulheres que fazem sexo estando menstruadas ou quando suas parceiras estão menstruadas, sem a utilização de qualquer forma de prevenção. Outro dado alarmante, também identificado nesta pesquisa, foi o compartilhamento de brinquedos eróticos (para penetração) em que se utilizava a mesma camisinha, ou sequer utilizava-se preservativo.

A crença de que o sexo entre mulheres está imune ao contágio de DST/HIV/AIDS ainda é bastante forte. Várias participantes do Café com Bolacha ao irem à reunião pela primeira vez, nunca tinham ouvido falar sobre o risco e achavam que suas práticas eram seguras. Portanto, o Café com Bolacha busca promover a saúde integral destas

mulheres, bem como as estimula a refletir sobre seu papel social em torno da luta pelos seus próprios direitos e cidadania.

PREVENÇÃO: AÇÃO DESTINADA ÀS LÉSBICAS E MULHERES BISEXUAIS

As atividades de prevenção são interações comportamentais em pontos de sociabilidade de lésbicas e mulheres bissexuais da cidade do Rio de Janeiro, com a proposta de divulgar informações sobre sexo seguro e risco de contágio de DST/HIV/AIDS nas relações entre mulheres. As intervenções se realizam através de materiais informativos, conversas entre pares, bem como a distribuição da *sainha*⁸ (protetor para sexo oral), gel lubrificante e camisinha masculina e feminina⁹.

A metodologia desta atividade se desenvolve através da educação entre pares¹⁰, em que jovens interagem com outras jovens e compartilham seus conhecimentos, a partir de uma linguagem e outros códigos de interação próprios da juventude, facilitando assim, a comunicação e favorecendo o sucesso da intervenção. Os locais onde acontecem as atividades de prevenção são escolhidos pelas multiplicadoras, com o consentimento da coordenação. Trata-se de locais onde reúnem grande número de lésbicas e mulheres bissexuais, como porta de boates, festas temáticas, bares identificados por agregar este público, praia, atos públicos e outros eventos que interessam e agregam a comunidade LGBT.

As ações de prevenção em locais públicos de sociabilidade lésbica mostram-se de grande significado para esta população, uma vez que se trata de atividades direcionadas para este público especificamente. Realizar atividades voltadas para o público feminino de práticas homossexuais sugere a disseminação de informações sobre os riscos e cuidados no sexo entre mulheres, uma vez que as ações do Ministério da Saúde não abarcam tais especificidades em suas campanhas de prevenção de DST/HIV/AIDS.

Realizar este tipo de ação, em espaços já constituídos como ambiente de socialização de lésbicas e de jovens bissexuais, nos proporcionou perceber que a troca de informações entre as multiplicadoras e o público sensibilizado ocorria de maneira positiva, na medida em que havia uma convergência de interesses e de questionamentos no que tange o universo homossexual para mulheres – entre os pares estabelecidos na interação.

⁸ A *sainha* é um lençol de látex para a proteção no sexo oral. No Brasil, este produto é fabricado exclusivamente pelo Grupo Arco-Íris e distribuído nas ações de prevenção e demais atividades promovidas pelo Grupo e principalmente pelo Projeto Laços & Acasos

⁹ A camisinha feminina nem sempre está disponível para esta atividade, pois na maioria das vezes, os postos de distribuição não recebem tais preservativos do governo – que alega ser custosa a produção de tal insumo

¹⁰ A metodologia da educação “entre pares” foi desenvolvida pelo educador brasileiro, Paulo Freire, ao propor o método que parte da realidade do sujeito, valorizando o saber popular adquirido para a construção do conhecimento e na construção da aprendizagem. Este método revolucionou o sistema educacional brasileiro e ficou conhecido internacionalmente

Ou seja, as interações de prevenção, muitas vezes ultrapassavam a temática da saúde e das práticas de sexo seguro, questões como lesbofobia, violência intra-familiar e na escola, sempre vinham à tona, além da reiteração acerca da falta de informação sobre questões de direitos e saúde para lésbicas.

Nas ações de prevenção, era feita a divulgação do Projeto Laços & Acasos, principalmente do Café com Bolacha, espaço de interação informal, onde as conversas iniciadas no momento da ação poderia se estender, além de ser um espaço para conhecer novas pessoas. Desta forma, era comum que jovens abordadas nas ações de prevenção comparecessem ao Grupo arco-íris, para conhecer o projeto.

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA E AS/OS PROFISSIONAIS DA GINECOLOGIA

De acordo com o levantamento de Barbosa e Facchini (2006) – até a época desta pesquisa -, apenas sete estudos no Brasil trataram da questão da homossexualidade feminina, saúde sexual e reprodutiva. Mesmo com a feminização da epidemia de HIV/AIDS¹¹, as práticas das mulheres que fazem sexo com mulheres têm ficado à sombra dos dados epidemiológicos.

Entre 2003 e 2006, as autoras (BARBOSA e FACCHINI, 2009) desenvolveram uma pesquisa em São Paulo com 30 mulheres de camadas médias e populares, correspondentes a faixa etária entre 18 e 45 anos. Esta pesquisa teve como estratégia metodológica, a utilização de recursos qualitativos (observação etnográfica e entrevistas em profundidade) a fim de “explorar a relação entre representações e práticas relativas aos cuidados de saúde, inclusive aquelas referentes aos profissionais e serviços de saúde, além das diferentes construções de gênero, identidade e estilos de vida encontradas na população em foco” (BARBOSA e FACCHINI, 2009).

Inspirado neste trabalho, o Projeto Laços & Acasos, percebeu a necessidade de desenvolver uma pesquisa na cidade do Rio de Janeiro com a proposta de identificar a percepção, não só das mulheres, mas também, dos/as profissionais ginecologistas, acerca da saúde sexual da mulher com práticas homossexuais. A pesquisa, intitulada “Atendimento ginecológico diante de práticas lésbicas e bissexuais”, dispôs de 20 mulheres e 20 médicos/as ginecologistas, totalizando 40 entrevistas.

As vinte mulheres entrevistadas possuíam idade, renda, escolaridade, religiões e auto-classificação de cor, bastante variadas, comportando e atentando para a pluralidade e multiculturalidade desta população. É muito importante explicitar a pluralidade deste grupo, uma vez que, a depender do conjunto de variáveis que determinada mulher comporta, pode agravar o seu grau de vulnerabilidade, frente ao acesso à informação e

¹¹ Os dados mostram que a infecção passou da proporção de 15,1 homens para cada mulher infectada em 1986, para a proporção de 1,5 homens para cada mulher infectada em 2005 (BRASIL, 2007)

ao *bom atendimento*. É válido destacar também, que foram entrevistadas mulheres que acessam tanto o serviço público, como o serviço particular de saúde.

Faço destaque ao *bom atendimento*, tendo em vista que, embora vários/as profissionais aleguem “não ter preconceitos”, muitos deles não sabem lidar com situações que fogem às questões das práticas sexuais heteronormativas. Assim, entende-se aqui por *bom atendimento*, não o bom humor ou a simpatia do/a médico/a ginecologista, ou ainda o seu “não preconceito”, mas sim, a responsabilidade e a obrigação do conhecimento médico-científico para com as especificidades das práticas sexuais entre mulheres.

O acesso das lésbicas e mulheres bissexuais aos serviços de saúde pode ser dificultado pela “fragilidade das relações interpessoais entre mulheres homossexuais e profissionais de saúde” (ARAUJO, et al. 2006). Também pode ser dificultado pelo tipo de formação profissional dos/as médicos/as, não preparados/as ou não acostumados/as a trabalhar com esse público. Alguns ginecologistas apontam a intenção de “não constranger” ou “não discriminar” para justificar o silêncio sobre a orientação sexual de suas pacientes durante a consulta. Outros/as reconhecem a lacuna em sua formação acadêmica sobre tais questões e afirmam buscar estudos e outros tipos de conhecimentos por conta própria - como por exemplo, participação em congressos e seminários – ou se baseiam nos eventos da prática clínica para justificar os conhecimentos que possuem sobre a saúde sexual das mulheres que fazem sexo com outras mulheres.

Um dos principais entraves marcados pelos depoimentos dos/as profissionais e das mulheres se deu sobre a pertinência do conhecimento da orientação sexual da paciente. Nem todas as mulheres entrevistadas, acham pertinente que o/a ginecologista tenha conhecimento sobre a sua orientação sexual, mas a maioria delas, afirmou que deve partir do profissional a pergunta sobre a orientação sexual da paciente. Já os/as profissionais reconhecem a importância em saber a orientação sexual da paciente, porém, alegam que esta informação deve partir da paciente, isentando-se assim, da responsabilidade pelo questionamento.

Entre as dificuldades encontradas, o receio das próprias mulheres em relação ao exame ginecológico e às situações de discriminação nos serviços de saúde, o medo de não ser compreendida pelo profissional de saúde ou de ser estigmatizada e discriminada, afasta algumas mulheres desses serviços, contribuindo para o desconhecimento do próprio corpo e para a baixa adesão às práticas de autocuidado. Muitas não se percebem como sujeitos de direito, outras mulheres têm dúvida quanto à necessidade de informar sobre sua orientação sexual durante a consulta.

ENTRE LAÇOS: UM PROJETO INTERSETORIAL

O projeto “Entre Laços” do Grupo Arco-Íris iniciou suas atividades em 2010, mas adquiriu maior força e reconhecimento em 2011, a partir das intervenções teatrais. O

projeto busca eliminar o preconceito de profissionais das áreas da saúde e educação no atendimento à população jovem de lésbicas, gays e bissexuais.

A reprodução de preconceitos relacionados à orientação e/ou identidade sexual na escola, prejudica o acesso destes/as jovens, sendo muitas vezes motivo de evasão escolar. Já no caso dos serviços de saúde, o atendimento que está muitas vezes imbuído de estigmas, de preconceitos, ou mesmo, de desinformação do/a próprio/a profissional, também afasta esta população deste serviço – principalmente, quando nos reportamos às lésbicas. Assim, o projeto realiza atividades que promovem o debate e a sensibilização dos/as profissionais das escolas e da rede de saúde pública do Rio de Janeiro.

A metodologia utilizada neste projeto é o teatro fórum – técnica desenvolvida pelo teatrólogo Augusto Boal no Teatro do Oprimido – na qual as/os jovens provocam os/as profissionais ao encenarem a reprodução de ações discriminatórias. A representação, na medida em que cria um lugar de empatia, abre canais de comunicação entre “opressores/as” e “oprimidos/as”. A ideia é eliminar ruídos da comunicação, permitir que todos/as se percebam como sujeitos, analisem suas falas – inclusive as não verbais – e estabeleçam relações mais profissionais (SILVA e DIAS, 2012). Entendemos por “relações mais profissionais”, o atendimento às demandas da população LGBT, seja no âmbito educacional ou na área da saúde, de modo que estes/as sejam respeitados/as dentro de suas diversidades e especificidades. Rusche defende que “é necessário voltar-se para as atitudes que representam manifestações de emoções, sensações e sentimentos: medo, amor, ódio, preconceitos e outros remanescentes dessa lista infindável de elementos que não são transformados apenas por processos informativos, mas pela vivência e elaboração das emoções e dos afetos” (Rusche 2009 apud Silva e Dias, 2012, p.94).

Neste sentido, a proposta de tal metodologia permite que os/as supostos/as opressores/as (os/as profissionais) se confrontem com situações baseadas em fatos reais, relacionadas aos serviços de saúde ou de educação, de modo que se envolvam emocionalmente ao tentar superar uma situação de opressão quando estes passam a ocupar o papel do oprimido, durante a cena.

A equipe deste projeto foi composta pelos integrantes dos projetos “Laços & Acasos” e “Entre Garotos”. Assim, ações de intervenção teatrais no formato de esquetes, sensibilizavam profissionais da rede pública de saúde e da educação. No que tange aos interesses e especificidades na discriminação de lésbicas encena-se: 1) situações de lesbofobia na escola, nas relações aluno/a-aluna e professor/a-aluna; 2) reprodução das argumentações conservadoras e heteronormativas nas recomendações aos grupos de jovens e adolescentes nos postos de saúde; 3) encenação de um atendimento ginecológico em consultório médico, onde várias falas que compunham o texto foram reproduzidas da Pesquisa “Atendimento ginecológico diante de práticas lésbicas e bissexuais”, tanto as das mulheres, como as falas dos/as profissionais.

As atividades se desenvolveram em diversas escolas da rede pública, postos de saúde, durante eventos específicos de capacitação de profissionais da rede pública de saúde e gestores, seminários organizados por instituições educacionais e outras ONG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar as principais atividades desenvolvidas pelo Projeto “Laços & Acasos: Mulheres, Desejos e Saúde” corresponde à intenção de ilustrar um dos projetos voltados para lésbicas e mulheres bissexuais, desenvolvidos no Brasil, que mantém a preocupação, dentre outras temáticas, com a saúde sexual deste público e a erradicação da lesbofobia nas escolas e nos serviços de saúde. Além das atividades apresentadas, é válido ressaltar que a equipe do projeto esteve em interlocução com outros sujeitos coletivos do movimento social de lésbicas e mulheres bissexuais, como: a organização das Caminhadas de Lésbicas em Copacabana, na comemoração do Dia da Visibilidade Lésbica; em diversos seminários e congressos; nas ações de prevenção e de conscientização sobre a prevenção das hepatites virais, violência contra a mulher; luta contra lesbo – homo – transfobia, etc. e ainda desenvolve outras atividades de socialização no Grupo Arco-Íris, como a Oficina de Criação, Núcleo de Mulheres, Grupo de Estudos e Cinelés.

Ao longo desses dois anos quando integrei a equipe Laços & Acasos, aprendi muito com todas/os, além de que foi muito instigante participar desses espaços e principalmente, acompanhar o desenvolvimento pessoal e político das meninas que trabalharam conosco e/ou frequentavam assiduamente o grupo.

A experiência de organizar atividades e participar de eventos com gestores e profissionais da rede de saúde e da educação, através do Projeto Laços & Acasos, para discutir diversidade sexual, foi muito proveitosa, uma vez que não só proporcionou o conhecimento sobre o que esses/as profissionais pensam, entendem e como abordam a questão da diversidade em seus espaços de trabalho, mas foi, também, a oportunidade de desenvolver um poder de argumentação e de escuta. A capacitação desses profissionais através de palestras, oficinas e seminários é de suma importância, e a questão da escuta, sugere uma etapa fundamental desses processos, pois muitos profissionais reconhecem a defasagem em suas formações e a falta de propostas de atualização para lidar com as novas demandas da nossa sociedade. Assim, explicitam as suas angústias por não saber como lidar com as diferenças.

Em vista disso, reconheço a importância dos grupos brasileiros em defesa dos direitos da população LGBT. Iniciativas como o Projeto Laços & Acasos devem se multiplicar principalmente no que tange as especificidades das lésbicas, grupo ainda marginalizado dentro do próprio movimento, nas lutas por suas demandas e reivindicações feministas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Maria Alix et al. Relação usuária-profissional de saúde: experiência de uma mulher homossexual em uma unidade de saúde de referência de Fortaleza. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, ago. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br>.
- BARBOSA, R. M. e FACCHINI, R. Acesso a cuidados relativos à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em São Paulo. *Cadernos de Saúde Pública* (FIOCRUZ), 2009.
- BRASIL, Plano Integrado de enfrentamento da feminilização da Epidemia de AIDS e outras DST. Ministério da Saúde. 2007
- FACCHINI, R. e BARBOSA, R. M. *Dossiê: Saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade*, In Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. 2006.
- SILVA, C. V. G.; DIAS, T. L. O projeto Entre Laços como meio de comunicação entre profissionais da saúde, educação e jovens lésbicas, gays, e bissexuais para a redução da homofobia. In: CASTRO, C.; PEDROSA, F (Org.). *Rede Sagas Brasil: Interações preventivas com juventudes homossexuais, mulheres lésbicas e pessoas vivendo com HIV/AIDS*. Fortaleza: Grupo de Resistência Asa Branca, 2012.